

Sêres vivos, capazes de fabricar tubos como os de Tiahuanaco, devem ter tido à sua disposição possibilidades técnicas excelentes. Entes dêsse nível intelectual não teriam sido tolos ao ponto de fabricar condutores de água de tubulação dupla uma vez que, mediante um processo incomparavelmente mais simples e de menor investimento de mão-de-obra, teriam podido fazer, na mesma pedra, *um só furo, apenas de maior diâmetro, para conduzir o dobro da quantidade de água.* Sêres inteligentes, com tais habilidades, também não teriam escolhido uma construção em ângulo reto para o transporte de água, porque saberiam que nos cantos se acumularia água e sujeira. E, naturalmente, êsses técnicos também teriam feito peças tubulares de acabamento menos fino, se se destinassem ao simples transporte de água.

Quando, na década dos trinta do século XVI, os conquistadores espanhóis fizeram indagações entre os aborígenes sôbre os construtores de Tiahuanaco, nada lhes puderam informar. Reportaram-se à lenda segundo a qual Tiahuanaco seria o local onde os deuses haviam criado os homens. Presumo eu que os mesmos "deuses" também criaram os tubos e não os usavam para canalização de água.

Em todos os casos de achados históricos, os arqueólogos e antropólogos se esforçam por lhes fixar uma data. Feito isso, cada achado recebe seu lugar predeterminado, no sistema de pesquisa usado até agora. E, evidentemente, um número de catalogação.

O método de maior exatidão, de que se serve a ciência até o presente para precisar tais datas, é o do Carbônio-14. Ao aplicá-lo, parte-se da suposição de que o isótopo radioativo de carbônio (C), do pêso atômico 14, está sempre presente na atmosfera em quantidades constantes. Êsse isótopo carbônico é absorvido por tôdas as plantas, estando, pois, contido em árvores, raízes, fôlhas, gramíneas, em quantidades sempre idênticas. Todos os animais, porém, absorvem de alguma forma substâncias vegetais, contendo, portanto, também o homem e o animal, o C-14, e na mesma proporção. Ora, as substâncias radioativas têm um determinado período de desintegração, de sorte que sua quantidade diminui se novas substâncias radioativas não forem absorvidas pelo organismo. No homem e no animal, essa redução inicia-se com a morte; nos vegetais, com a

colheita ou a queima. Para o rádio-isótopo de carbônio C-14 encontrou-se uma meia-vida de cêrca de 5.600 anos. Isso quer dizer que, 5.600 anos após a morte de um organismo, só se encontrará a metade do teor original de C-14; decorridos 11.200 anos, um quarto apenas; 22.400 anos, um oitavo, etc. O teor de C-14 de uma substância orgânica fossilizada, uma vez que é conhecida a quantidade original de C-14 na atmosfera, pode ser detectado mediante processo complexo em laboratório. Em relação com o teor constante de C-14 na atmosfera, é possível, então, determinar a idade de um osso ou de um pedaço de carvão de lenha.

Se cortarmos grama ou um arbusto às margens de auto-estradas e os queimarmos, sua cinza simulará uma idade de muitos milhares de anos. Por quê? Dia por dia, as plantas absorveram muito carbônio dos gases de escapamento dos carros em trânsito. Êsse carbônio provém do petróleo, e êste, por sua vez, de material orgânico que há milhões de anos cessou de absorver C-14 da atmosfera. Pelo mesmo motivo, uma árvore abatida hoje numa região de muitas indústrias, e que, segundo seus anéis anuais, tenha, talvez, 50 anos apenas, aparentemente pertenceria a época remotíssima, porque a medição pelo C-14 recuaria sua data para a Pré-História devido à absorção de gases presentes em excesso na atmosfera poluída daquela área industrial.

Duvido da exatidão e, com isso, da fidedignidade dêsse método. As medições feitas, até o presente, partem da firme acepção de que a proporção quantitativa de um isótopo C-14 na atmosfera é e sempre foi constante.

Mas, quem é que pode garantir isso?

E se essa suposição se basear num engano? Em meu livro "Eram os Deuses Astronautas?" reportei-me a textos antigos que narravam haverem os deuses sido capazes de produzir um calor tão intenso como só resulta de explosões nucleares, e que, além disso, usavam armas de radiação atômica. Na Epopéia de Gilgamés, Enquidu morre por ter sido atingido "pelo alento venenoso do animal celestial". No Maabarata narra-se como os guerreiros se atiravam n'água para lavarem a si e suas couraças, porque tudo estava coberto "do alento mortal dos deuses".